

WEBER, Max. Ciência e Política: Duas vocações. trad. Marco Antônio Casanova. São Paulo: Martin Claret, 2015

Antônio Marcos Almeida de Queiroz

A ética nas entrelinhas da Ciência e da Política, no viés da vocação.

102

A presente resenha está relacionada à obra Ciência e Política do Sociólogo Max Weber, resultado de conferências realizadas em Universidades Alemãs. Nasceu na Alemanha em 21 de abril de 1864. Cresceu em ambiente por demais intelectual, face a formação acadêmica, política e liberal dos seus pais.

Em 1882 foi matriculado no curso de direito, estudando também matérias como história, economia e filosofia, cabe destacar sua breve passagens pelas fileiras do exército alemão.

Em 1893 casou-se com Marianne Schnitger, fato que potencializou sua vida acadêmica em Berlin. Pouco tempo depois apresentou sintomas de esgotamento nervoso e de neurose, mazelas que sofreu até o fim de sua vida, em que pese esse fato, nesse período, foram realizados trabalhos intelectuais extremamente fervorosos.

Intelectual por essência, Weber também participou da campanha política da Alemanha na primeira grande guerra mundial, esse fato, aliado aos numerosos trabalhos, a todas as suas virtudes morais e sua sensibilidade como pessoa humana, colocou-o como pioneiro no desenvolvimento da sociologia contemporânea.

O autor desse livro ocupa-se inicialmente da análise da ciência como possibilidade de conhecer os entornos do nosso mundo de forma pormenorizada, usando-a como trampolim e escudo para alijar do interior das academias influências econômicas e acima de tudo políticas também.

Ocupa-se ainda esse autor com a vocação política, sob o ponto de vista da aptidão do homem público, suas características morais, deixando claro que a nobre vocação tem sua viga mestre apoiada na ética.



Situados nesse momento da resenha, verifiquemos os detalhes da importante questão da ciência e todo seu desdobramento intelectual, social e, por que não afirmar, política também.

A reflexão de Weber aponta para ciência como produtora de conhecimento, trilhando pelos caminhos da racionalidade, naturalmente. Nessa linha, afirma que o conhecimento da vida e suas condições, naquele momento histórico, são trabalhados e levantados de forma técnica, racional e recheada de probabilidades e previsões.

Aqui, de forma muito especial, o grande mestre, sem deixar suas convicções religiosas, amplia e incentiva os experimentos científicos no seio acadêmico, revelando que esta, em suas atividades descobrem conceitos, anulam entendimentos passados e faz fluir a dinâmica social com os novos valores. Cita o racional autor, que o homem não teria alcançado o *possível* se, repetidas vezes, não tivesse tentado o *impossível*.

O impossível se veste da ciência para insistentemente labutar na árdua tarefa da “alquimia”, (no sentido dos experimentos e ensaios inerentes a pesquisa) ou seja, na arte de conquistar o que ainda não fôra conquistado e de entender ou então reentender o que parcialmente se conhece.

A pitada de ética não poderia deixar de ser adicionado no campo da ciência também, seu horizonte ampliado percebia que os fatos científicos deixam margens pra interpretações distintas, parciais e políticas.

Considerando seu discurso acadêmico, nesse episódio de seminário, a ética aplicada a ciência é direcionada aos catedráticos também, mostrando que a ferramenta dos processos e ensaios científicos devem assessorar o aprimoramento do ensino e da reflexão em sala de aula e nunca ser aplicado como base política partidária formadora de opinião. A ética deveria ser o bálsamo entre o racional das duras e longas pesquisas e descobertas e sua aplicação como benesse no sentido de políticas públicas e do desenvolvimento pessoal dos acadêmicos. Deveria ser o amalgama entre o crescimento dos novos conceitos e praticas científica e a tradição conservadora do culto e crenças sagrados.



Em seu discurso, assim afirmou, “Faço ciência para saber até onde posso suportar...” trocando em miúdos a fala de Weber, isso quer dizer faço uso de todas as ferramentas da razão, entendo e esquematizo todo o processo, especifico as diversas áreas, dou publicidade às novidades surgidas, descarto todas as tendências, coloco-me em teste e por derradeiro projeto no ambiente social.

Com a licença do cientista Albert Einstein, um breve paralelo entre os majestosos pensadores.

o cientista é controlado pelo senso de causa universal...sua percepção religiosa toma a forma de um assombro magnifico diante da harmonizada lei natural, a qual revela uma inteligência de tamanha superioridade que, comparada a ela, todo o pensamento sistemático e a atitude dos seres humanos se torna uma reflexão totalmente insignificante. (ROSA, 2016)

Assim como Einstein, Weber entendia a ciência.

No viés da politica a proa será balizada no foco de significados da tríade, **vocação, Política e Estado**. Estes vocábulos são as vigas mestres desse capítulo, se não vejamos a seguir.

Ao pensar em vocação Weber traça uma linha e borda pontos entre a dominação carismática (onde os liderados acreditam no líder e o obedece independente de tradição ou Lei), e as qualidades da vocação politica, quais sejam, paixão (envolvimento a uma causa de forma racional), responsabilidade (norte dos atos do vocacionado), e proporcionalidade (equilíbrio e sobriedade).

Nos entre pontos, recheia tudo com a ética, naturalmente, apontando para dois afluentes, um no campo da convicção e o outro na área da responsabilidade. A convicção reside nos conceitos pessoais carregados de influências familiares, espirituais e sócio- econômicas e a convicção da responsabilidade diretamente ligado a lógica e a Lei.

Quanto aos políticos, pensemos na imagem de uma balança tradicional, aquela mesmo com dois pratos em lados opostos, pois bem, o autor do seu texto observava a política como o fiel dessa balança, qual seja, a referência do equilíbrio dos conceitos. Que, por via de consequência natural, em um dos pratos colocava os políticos que vivem para a política e no outro prato colocava os políticos que vivem da política. Aquele se revela como a forma ideal da



vocação política genuína, enquanto este, não possui recursos e busca na atividade política renda e subsistência, o que na visão do autor destorce e mascara toda a transparência, a publicidade e imparcialidade própria do agente público, ou seja, compromete a possibilidade de manter-se ao largo para aplicar a razão em suas inúmeras decisões. Por fim, in verbis.. "há um inimigo vulgar, muito humano, que o homem político deve dominar a cada dia e a cada hora: algo muito comum a vaidade."

Adentrando no mundo do Estado, destaca-se o entendimento pessoal de Weber, o Estado como o ente possuidor legítimo da violência no meio social, mais precisamente o único detentor desse direito. Disso, resta claramente aqui, o surgimento de um importante componente, "o poder" (força) político e afins. Vale ressaltar que o emprego da violência aqui está positivado em lei, portanto institucionalizada, outro destaque fica por conta do poder político que isso produz, e que ao mesmo tempo se transforma em moeda de troca nas mãos de gerentes públicos demagogos.

Para Weber o Estado "não se deixa definir a não ser pelo específico meio que lhe é peculiar, tal como é peculiar a todo outro agrupamento político, ou seja, o uso da coação física", "a violência não é, evidentemente, o único instrumento de que se vale o Estado".

Cabe destacar que para cada afirmação quanto ao direito da aplicação da coação física/violência está por trás à máxima Weberiana da racionalidade, aqui revelada de maneira explícita no prumo da legalidade e seus princípios.

Karl Emil Maximilian Weber, in verbis, "Aquele que esteja convencido de que não se abaterá nem mesmo que o mundo, julgado de seu ponto de vista, se revele demasiado estúpido ou demasiado mesquinho para merecer o que ele pretende oferecer-lhe, aquele que permaneça capaz de dizer" a despeito de tudo!", aquele e só aquele tem a "vocação" da política.

O exposto acima revela uma coragem moral gigantesca do autor, que encontrou uma plateia de acadêmicos jovens e ávidos por suas palavras éticas e racionalmente corretas, e ao mesmo tempo em que vivia uma atmosfera política do pós-guerra, com o Estado fracionado, economia enfraquecida e afundado totalmente em dívidas, miséria social crescente e manifestações



generalizadas. Ambiente perfeito para fazer brilhar seus conceitos em contrapartida a ausência da ética, absorvida pelo caos dos interesses políticos partidários (poder).

Percebo com a leitura desse livro, a extrema facilidade e capacidade de entender política, economia, religião, filosofia, direito e sociologia e mais ainda, concatená-las com tamanho domínio, simplicidade e clareza, a ponto de tornar tudo compreensível e empolgante.

O legado produzido pela espetacular leitura representa o marco de um horizonte sem fronteiras e sem fim. A saída da inércia cultural e o mergulho no mundo dos clássicos da filosofia política. Traz para mim a sensação do prazer em conhecer aquilo que só os pensadores e eruditos enxergam, sentem e escrevem. Traz o triste questionamento, porque não busquei isso no período acadêmico? Da mesma forma que reitera e esclarece, mesmo de forma tardia, conceitos lá atrás aprendidos pelo senso comum e além de tudo reacende o desejo ímpar do saber. O conhecimento precisa ser compartilhado de maneira que encante o aprendiz, como encantado me encontro.

Referências

ROSA, Areonth Assunção. Partícula de Deus. **Folha da Região**, Araçatuba-SP. 17/02/2012. Disponível em <http://www.folhadaregiao.com.br/Materia.php?id=301278>; Acesso em 01/03/2016.

WEBER, Max. **Ciência e Política**: Duas vocações. trad. Marco Antônio Casanova. São Paulo: Martin Claret, 2015

Antônio Marcos Almeida de Queiroz

mqe3046@gmail.com

Graduado em Direito pela Universidade Estácio de Sá. Pós Graduando em Direito Público (Direito Constitucional, Direito Tributário e Direito Administrativo). Pesquisador na área de Educação e Direito Administrativo

Recebido em: 17/11/2016

Aprovado em: 26/11/2016

